

# DE GREGOS E TROIANOS

*Gerardo Mello Mourão*

Já Hoelderlin não tinha dúvida. Há duas Bíblias, ou se quiserem, duas mitologias para o espírito do Ocidente: a Bíblia do Antigo e do Novo Testamento, de judeus e cristãos, e a Bíblia da mitologia grega. Depois de Frazer e de Kerényi e sobretudo de Mircea Eliade essas duas Bíblias encontraram surpreendentes caminhos de coincidência em que às vezes a verdade revelada de uma delas parece a pré-figuração da outra.

Nem os deuses inumeráveis do Olimpo invalidam o deus uno e trino do paraíso judaico-cristão, que era uma esperança secreta no coração de Sócrates — aquele Deus esperado pelo próprio mundo helênico, cuja imagem Paulo encontraria às portas de Atenas, com a inscrição ansiosa: — ao Deus desconhecido.

Por isso mesmo a escritura nossa de cada dia se envolve e se desdobra com as escrituras das duas Bíblias que nos são comuns. Os clássicos, os escritores da Renascença e os modernos de todos os tempos repetem as tragédias gregas e os dramas judaicos em todas as literaturas do Ocidente.

O poeta Natalício Barroso parece ser o primeiro a trazer uma versão brasileira da Guerra de Tróia, um fragmento do mito maior que fundou a história da Grécia nos dáctilos imortais de Homero. De certo modo, ele nos oferece aqui sua própria *Iliada*, tratada num diálogo terso e tenso, não à moda do diálogo platônico, mas na conversa epistolar em que se riscam as novas faces de um poliedro novo em que se movem os heróis de Homero.

Como todos sabem, surgiram, ao longo dos séculos, algumas dezenas de *Iliadas*, muitas delas atribuídas ao próprio Homero, cujo texto é contemporâneo da literatura ágrafa, conservado e transmitido pela devoção mnemônica dos cantadores antigos, tão semelhantes aos cantadores de feira da tradição galaico-portuguesa ou dos segréis provençais, cuja tradição está ainda hoje comovidamente aderida às festas de violas e rabeças de nosso sertão nordestino.

Na *Iliada* canônica de Homero canta-se um único episódio da guerra, acontecido no décimo ano da contenda, quando Aquiles abandona a campanha porque Agamenon lhe arrebatou sua bela Briseida. E só volta à luta com a morte de Pátroclo, que vinga com a morte de Heitor, o herói maior de Tróia

e o mais cavalheiresco dos guerreiros homéricos.

Na Odisséia, Odisseu narra aos feácios suas aventuras depois da partida de Tróia, o regresso a Ítaca, a vingança contra os pretendentes de Penélope e a expedição filial de Telêmaco.

Mas além do texto homérico, dezenas de outras Iliadas aparecem no correr dos séculos. Algumas delas foram freqüentemente atribuídas ao próprio Homero. O ciclo troiano povoou a poesia do Ocidente desde o oitavo século antes de Cristo, passando por momentos de maior ou menor força poética até o século quinto de nossa era, quando surgem nomes de poetas como Quinto de Esmirna e Nonno de Panápolis. Houve a *Cipriada*, atribuída durante muito tempo a Homero e tantas outras, que hoje fazem parte das bibliotecas de raridades e do deleite dos eruditos. Seria interminável citar aqui os poemas troianos, brotados ou não, da grande árvore homérica.

Um deles, porém, não pode deixar de ser citado: a chamada *Crônica troiana*, integralmente conservada, com sorte melhor que os fragmentos de que dispomos, da Biblioteca de Apolodoro, ou dos resumos de Proclo, que temos à mão em várias edições francesas e alemãs. A *Crônica*, da qual possuo a mais bem tratada de suas edições, curada pela Real Academia Galega, com quase 800 páginas, é atribuída a dois sobreviventes da Guerra de Tróia, Dares Phrígius e Dictus Cretensis. Ambos invocam a seu favor o fato de serem testemunhas da aventura estupenda e, pois, de serem contemporâneos dos homens e das mulheres que viveram a glória da bravura e heroísmo da agonia da cidade de Heitor. Pretendem eles, que têm o aval de historiadores antigos como Cornelius Nepos e Salústio, e do erudito Santo Isidoro de Sevilha, o privilégio de contar uma epopéia de que participaram, e da qual Homero tomara conhecimento séculos depois.

Mas, a não ser por um gosto refinado de erudição, será desnecessário repetir aqui a inumerável relação dos hexâmetros que adornam a história de Ilion, com suas centenas de traduções antes e depois da Idade Média, nos tempos de Afonso X, dito o Sábio e sobretudo de Afonso XI, com a monumental tradução do *Roman de Troie*. A Europa cristã não fazia, de resto, mais do que seguir a tradição romana, com a *Eneida* de Virgílio e as *Metamorfoses* de Ovídio, seqüências, por sua vez, dos grandes trágicos gregos que se detiveram na vida dos heróis de Homero.

E isto, de Sófocles e Eurípides, o primeiro trágico a sugerir dúvidas acerca do poder dos deuses sobre a ação dos heróis, quando leva Neoptólemo, o filho de Aquiles, a executar uma sentença de morte, não já em nome da

divindade, mas em nome de razões de Estado.

E esta é a grandeza de Homero e da Bíblia troiana: todos nós estamos, de um modo ou de outro, dentro da alma e da vida de seus heróis e de seus deuses, também eles humanos, e que descem do Olimpo para acumpliciar-se com as paixões dos homens e das mulheres de que são a um tempo criadores e criaturas.

Esta é a *Iliáda* do poeta Natalício Barroso. Ao seu sopro mágico, os homens e as mulheres do Palácio de Príamo e das naus negras dos gregos, estão vivos e até mais vivos do que os circunstantes que cruzam conosco nas ruas da cidade. Pois, deles conhecemos toda a matizada e poliédrica “*Befindlichkeit*” de seu espírito e de seu coração. — “Que mulher nos ensinará a beleza do amor com mais fulgor do que Helena?” — perguntava Hoelderlin. E aqui vale a pena lembrar a passagem do Górgias, de Platão, em que se faz o julgamento de Helena. Ela havia jurado amor a Menelau. Traiu a Menelau e fugiu com Páris. Derrotado Páris, volta em lua de mel aos braços do marido antigo. A conclusão, o juízo de Sócrates, é diáfano: longe de ser infiel, Helena foi a mulher fiel por excelência. Não foi fiel a um homem. Foi fiel ao amor. Ao seu amor, pagando todos os preços por essa fidelidade.

Está conosco o amor de Helena. Está conosco a rugidora dor de corno de Menelau. Está conosco o ciúme de Aquiles. Está conosco a cobiça de macho de Agamenon. Está conosco a sagrada fidelidade de Penélope, está conosco — ai de nós! — o cinismo canalha dos pretendentes e também a honra filial de Telêmaco.

Como Ulisses, não perdemos a fidelidade à mulher amada nem na embriaguez das delícias de Circe. Persegue-nos o ceticismo trágico de Cassandra, vivemos da esperança generosa de Heitor, somos capazes de todas as grandezas e de todas as misérias, de todas as vaidades e de todos os despojamentos que florescem ou murcham à sombra dos muros de Tróia.

Podemos compartilhar da cólera de Aquiles e da piedade vingadora da morte de Pátroclo e estremecemos diante da última batalha de Heitor e de sua marcha fascinada ao encontro da morte.

É de todas essas paixões, de todas essas fraquezas, de todos esses heroísmos que se tece a *Iliáda* do jovem poeta cearense Natalício Barroso, que trata de nossos contemporâneos do mar da Jônia com a mesma elegância compassiva com que a tratou o pai Homero, na linguagem com que hoje trata seus circunstantes das ruas do Rio de Janeiro ou os vizinhos de sua amável cidade do sertão cearense.

E o que é importante: ele trouxe de volta à leviandade de nossas letras a presença perene do ser humano para o qual se voltaram os mais inquietos espíritos de nossa cultura ocidental. Desse ser humano que desde Homero joga com os deuses o destino de seus dias e de suas noites. De sua vida e de sua morte.